

O GRADUAL ABANDONO DO CÉU DOURADO

Francisco Caruso

O dourado é a cor consagrada do céu medieval, marca da pintura bizantina, que simboliza o quão rico é este lugar para uma cultura essencialmente teocêntrica. Durante séculos, Bizâncio foi um centro onde se fundiram as correntes culturais de toda a região mediterrânea e do Oriente Médio, tendo influenciado o desenvolvimento da cultura e da arte em diversos povos da Europa e da Ásia. O uso em abundância do dourado está associado à riqueza material do ouro. Por um lado, corrobora a ostentação da Igreja naquela época; por outro, o céu - a morada de Deus e o lugar onde as almas boas desfrutariam da vida eterna - deve ser o que há de mais valioso a ser almejado pelos homens de bem. Portanto, este céu estilizado, dourado, casa da vida eterna, é um céu a ser admirado, a ser contemplado, a ser respeitado. Na Figura 1, vemos um exemplo de uma pintura emblemática de Duccio di Buoninsegna (1255-1319), provavelmente o mais influente artista de Siena do seu tempo, contemporâneo de Giotto di Bondone (1266-1337), na qual se destaca o céu completamente dourado. Giotto será o primeiro a pintar o céu de azul, sob inspiração franciscana, como veremos a seguir, como um reflexo de uma nova compreensão da Natureza e do próprio homem que começa, então, a ser construída.



Figura 1. "O Chamado dos Apóstolos Pedro e André", de Duccio.

Podemos dizer que esse céu dourado faz parte do imaginário medieval cristão. É preciso lembrar que o pano de fundo cultural da Idade Média cristã é dominado por um estado mental religioso. O *Livro*, ou a Bíblia, neste período, é o símbolo por excelência da relação entre homem e Deus na *Weltanschauung* cristã. Só aos poucos, a partir de São Francisco, é que vão ser apontados dois livros capazes de levar a Deus: A *Sagrada Escritura* e o *Livro da Natureza*. Essa “nova via” está predestinada a dar novo impulso à Arte e à Ciência.

De fato, São Francisco lança um novo olhar sobre a Natureza, buscando, na simplicidade e na harmonia das coisas, a beleza suprema da obra divina. Como afirma Walter Nigg, “Francisco enxergou a realidade verdadeira da criação, que nós só conseguimos captar por meio de comparações. Sentimos em todas as suas palavras a imagem viva de Deus nas coisas. O comportamento de Francisco diante das criaturas mudas era um verdadeiro retorno ao paraíso (...)”. O homem de Assis é quem vai pregar para os pássaros, como retrata a pintura de Giotto, reproduzida na Figura 2, e vai ver, em todas as criaturas e coisas do Mundo, a mão do Criador. Este ato é um ato de amor, um ato integrador: todas as criaturas são expressões da vontade de Deus.



Figura 2. São Francisco pregando para os pássaros.

Esse relacionamento de Francisco de Assis com as criaturas, repleto de amor, fica evidente no seu famoso *Cântico do irmão Sol*, do qual reproduzimos um trecho a seguir:

*(...) Louvado sejas, meu Senhor,
No conjunto de todas as tuas criaturas,
Especialmente o senhor irmão sol,
Pois ele é dia
E nos ilumina por si.
E ele é belo e radiante com grande esplendor.
E porta teu sinal, ó Altíssimo.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
Pela irmã lua e as estrelas,
No céu as formaste luminosas
E preciosas e belas.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo irmão vento e o ar e as nuvens,
E o céu sereno e toda espécie de tempo,
Pelo qual às tuas criaturas dás sustento.
(...)*

Como enfatiza Jaques Le Goff, "*há um domínio em que se considera que a influência de São Francisco, de sua sensibilidade, de sua devoção tenha sido decisiva e tenha levado o Ocidente aos caminhos novos do modernismo: a arte.*" Não por acaso Giotto é considerado o elo entre a pintura medieval bizantina e a pintura renascentista. Introdutor do espaço tridimensional e da perspectiva na pintura, Giotto, em cuja obra o céu é representado em tons de azul, é fiel a um compromisso com os ideais franciscanos, que refletem uma nova visão mais humanista do Mundo e mais realista das coisas.

Dentre estes ideais está o fato de que contemplar a beleza do mundo passa a ser um modo alternativo (e não menos digno) de se chegar a Deus. Assim, São Francisco dá os primeiros passos para uma nova humanização do Mundo, admitindo que o homem deve se integrar à Natureza, sem se afastar de Deus, preservando-a e admirando-a na sua plenitude. Isso sem falar da conhecida crítica de Francisco à ostentação e ao luxo da Igreja, que de certa forma remetem ao céu dourado.

A exemplo do que em última análise propõe São Francisco, a possibilidade de ver, como bem disse uma vez o lingüista e escritor italiano Niccolò Tommaseo (1802-1874), o *Mundo quase como comentário à divindade* foi algo logo adotado por Dante Alighieri (1265-1321), na *Divina Comédia* (Figura 3). De fato, em um verso muito bonito, ele propõe uma metáfora para o *Livro da Natureza* que, com a força do amor e de Deus, lhe permite perceber e admirar a essência divina.



Figura 3. Dante Alighieri e a Divina Comédia.

Esse legado franciscano vai longe. É freqüente encontrarmos franciscanos que se dedicaram a estudos científicos. Podemos citar, por exemplo, Roger Bacon (1214-1294) que, por volta de 1240, ingressou para a Ordem Franciscana, onde, sob influência de Robert Grosseteste (1168-1253), dedicou-se a estudos nos quais introduziu a observação da Natureza e a experimentação como fundamentos do conhecimento natural. Na verdade, ele foi além de seu tutor, afirmando que o método científico depende de observação, da experimentação, da elaboração de hipóteses e da necessidade de verificação independente. Também o nominalismo de William de Ockham (1280-1349) tem raízes franciscanas. Os nominalistas vão tender a considerar apenas a *causa efficiens* de Aristóteles como a única causa necessária, e não se pode negar que este será, mais

tarde, o fulcro da Mecânica desenvolvida pelo grande Isaac Newton (1643-1727).

No que se refere a esta compreensão embrionária de um novo método científico, é ela que, em última análise, irá libertar de vez a Ciência, e em particular a Astronomia, de todo um conjunto de atitudes cerceadoras, impostas pela representação sistemática do céu dourado. Assim, há autores que consideram Nicolau Copérnico (1473-1543) um divisor de águas. Alexander Koyré, importante historiador da Ciência, por exemplo, afirma que

"O ano de 1543, ano da publicação do De Revolutionibus Orbium Coelestium e o da morte do autor, Nicolau Copérnico, marca uma data importante na história do pensamento humano. Estamos tentados a considerar essa data como significando 'o fim da idade média e o começo dos tempos modernos', porque, mais que a conquista de Constantinopla pelos turcos ou a descoberta da América por Cristóvão Colombo, ela simboliza o fim de um mundo e o começo de outro."

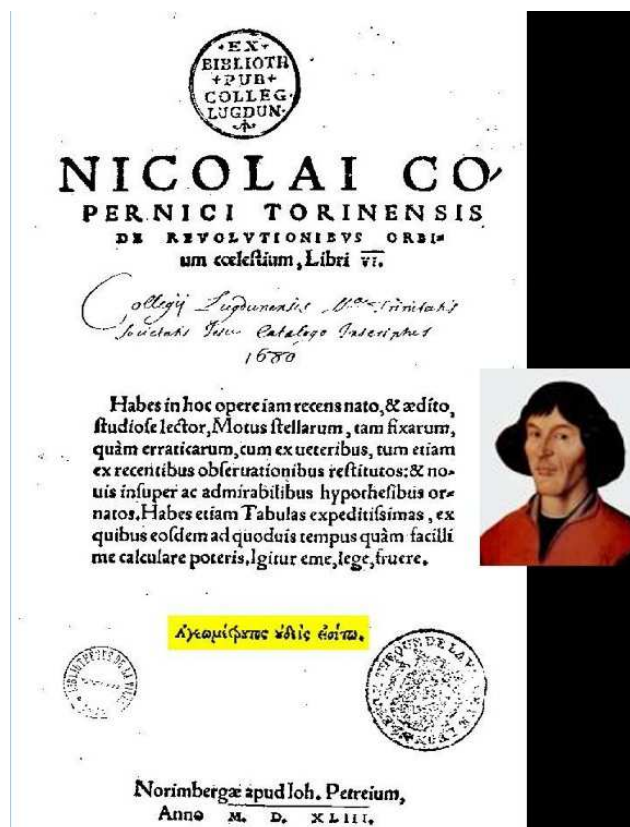


Figura 4. Frontispício da primeira edição do *De Revolutionibus Orbium Coelestium*, de Copérnico.

Note que a frase assinalada em amarelo na Figura 4 é a mesma que Platão teria mandado escrever na porta de sua Academia, ou seja, *Proibida a entrada de quem ignora Geometria*. Assim, Copérnico faz questão de declarar a todos, na folha de rosto de sua importante obra, que a Geometria é o caminho para revelar os mistérios dos céus.

A experimentação e a Matemática, em especial a Geometria, são os ingredientes que ainda estão por ser incorporados de forma definitiva ao método científico pelo gênio de Galileu Galilei (1564-1642). Mas antes do físico pisano, já Leonardo da Vinci (1452-1519) via na experimentação um instrumento de honestidade intelectual, como expressa com muita clareza na passagem:

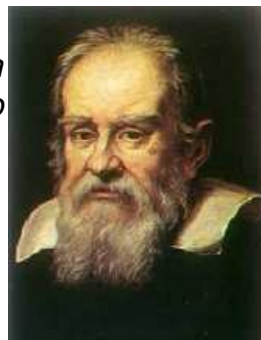


Meu propósito é resolver um problema científico em conformidade com a experiência (...) e devemos consultar a experiência em uma certa variedade de casos e circunstâncias, até podermos extrair deles uma regra geral que esteja contida nos mesmos (...). Elas nos conduzem a ulteriores investigações da natureza e a criações da arte. Impede-nos de iludirmos a nós mesmos, ou a outros, ao acenarmos com resultados que não possam ser obtidos.

Galileu partilha esta opinião de Leonardo ao afirmar, em seu famoso *Diálogo*, de 1632, que “(...) *nas ciências naturais, cujas conclusões são verdadeiras e necessárias e não têm qualquer relação com o arbítrio humano, é preciso precaver-se para não se colocar em defesa do falso (...)*”.

Mais tarde, Galileu, assim como Dante, refere-se ao Livro da Natureza, no seu *Il Saggiatore*, afirmando ser ele escrito na linguagem matemática, como podemos ver da citação:

O grandíssimo livro da Natureza está escrito em língua matemática e os caracteres são os triângulos, círculos e outras figuras geométricas (...) sem as quais se estará vagueando em vão por um obscuro labirinto.



No “novo mundo” da Ciência que começou a se delinear com Copérnico, Galileu foi o primeiro astrônomo a utilizar o telescópio em toda a sua potencialidade, o que o levou a observar as crateras da Lua e os satélites de Júpiter.

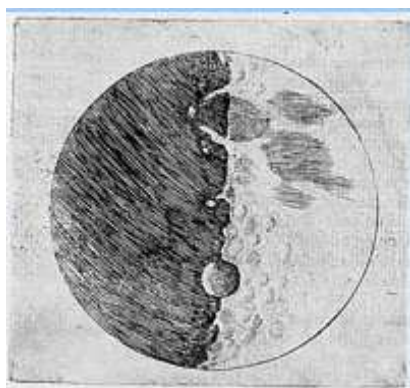


Figura 5. Desenho apresentado na obra de Galileu mostrando as imperfeições da Lua.

Em suma, o que procuramos destacar neste artigo é que uma cultura que pinta o céu de dourado é incapaz de produzir a revolução copernicana, de descobrir as imperfeições da lua, como fez Galileu (Figura 5). Só o céu azul pode ser escrutinado com uma luneta (ou, mais tarde, com um telescópio), tornando-se objeto de um olhar investigativo, questionador e de estudos empíricos. A Arte, nesse particular, antecedeu a Ciência, como vimos, a partir das visões revolucionárias de São Francisco de Assis e de Giotto.

Referência Bibliográfica:

Alexander Koyré: *La Revolution Astronomique*. Paris: Hermann (1961), p. 15.

Francisco Caruso & Roberto Moreira Xavier de Araújo: "Dal volumen al libro, dal codex allo schermo: saggio sulle interrelazioni tra i supporti della Scrittura e le concezioni fisico-filosofiche dello spazio nella storia della cultura occidentale", *Dialoghi: Rivista di Studi Italici* **1**, p. 135-158 (1997).

Francisco Caruso & Roberto Moreira Xavier: "A Física e a Geometrização do Mundo: Construindo uma Cosmovisão Científica" in Jenner Barreto Bastos Filho; Nádia Fernanda Maia de Amorim; Vinicius Nobre Lages (Orgs.): *Cultura e Desenvolvimento: A*

Sustentabilidade Cultural em Questão. Recife: EDUFPE, p. 85-106 (1999).

Francisco Caruso & Vitor Oguri: *Física Moderna: Origens Clássicas e Fundamentos Quânticos*. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus (2006).

Jaques le Goff: *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Editora Record (2001).

Walter Nigg: *O Homem de Assis: Francisco e seu Mundo*. Petrópolis: Vozes (1975).